

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP Class.: SEI R0132

Data 20/04/88 Pg.: _____

Noticiário Geral



Carlos Rennó

Apesar das danças, os índios não escondem a insatisfação

Índios fazem esforço para festejar o seu dia

Um grupo de seis camaurá e um desgarrado carajá fizeram o impossível ontem para ajudar a Fundação Nacional do Índio (Funai) a comemorar em São Paulo o Dia Nacional do Índio. Com tiras de papel e pano nos tornozelos, adereços emprestados de uma loja de artesanato e sandália de borracha para bater o pé no cimento, eles dançaram repetidas vezes para as emissoras de televisão e deram muitas entrevistas. Nem por isso pareciam felizes. Para eles, dia de índio é coisa de branco.

Era isso que Moisés — o vanahuo da tribo carajá do Araguaia — pretendia dizer ao presidente da Funai, Romero Jucá Filho, que também foi ao Centro Especial de Serviço de Assistência ao Índio (Cesai) participar das comemorações. Mas deu tudo errado. Moisés acabou-se queixando só para a imprensa — “Funai não quer saber de índio inteligente” — e também não conseguiu mostrar a dança de seu povo. Teve de se juntar aos índios do Xin-

gu, “um fato inédito”, segundo a antropóloga Lúcia Helena Soares de Mello.

A passagem de Romero Jucá Filho pelo Cesai foi rápida — e a exibição dos índios já havia terminado. Foi saudado e deu entrevistas, explicando que a Funai está pleiteando do governo sua inclusão no Conselho de Planejamento do Ministério da Previdência Social e mais recursos financeiros. O orçamento de que dispõe é muito pouco, segundo Jucá Filho, para cobrir 10% do território nacional e manter 400 postos de saúde. Para o sexto presidente da Funai durante o governo Sarney, o maior conflito hoje é com posseiros e garimpeiros — “mas nós apoiamos o índio nessa questão”.

No Cesai, porém, o clima era de festa. Lá ficam hospedados índios doentes, com tratamento em São Paulo, geralmente acompanhados da família. No quintal, onde dançaram, foi montada a mesa com boio e frutas — banana, abacaxi e melan-

cia. Nos quartos, em cima, longe da vista das mulheres (elas não se costumam apresentar em público), os homens pintaram o corpo com tinta de urucum e jenipapo, improvisaram as tornozeleiras e colocaram cocares, colares e brincos de penas e osso.

Estavam prontos para representar as danças usadas na colheita do piqui (fruta usada como tempero) e no ritual de perfuração da orelha do recém-nascido. Pelo menos, um trecho de cada. Moisés, o único do grupo que não é hóspede do Cesai, arrumou-se todo para mostrar uma dança que seus avós lhe ensinaram. E, para isso, colocou na cabeça um grande aheto — espécie de cocar usado na passagem da puberdade para a maturidade. Mas teve de seguir a dança do Xingu — “tudo é índio”. Dentro da casa, na sala, o índio calapó Cromaro Mentuctire, tribo guerreira, estava bravo. Quería dançar, mas sem televisão filmando — “só pagando”.